

veja
27/5/98
A12711A TUEAL 70271

Amazônia

GRINGOLÂNDIA
NA SELVA

O número de estrangeiros que moram na região aumentou 66% nos últimos dez anos

Klester Cavalcanti, de Manaus

Paranóia militar de décadas, a internacionalização da Amazônia na prática já existe e — nossa! — cresce ano a ano. Ela é silenciosa e acontece sem armas e sem pretensões dominadoras. Ao contrário. O número de estrangeiros que deixam seu país para encarar uma vida de incertezas e aventuras na maior floresta tropical do planeta aumentou 66% nos últimos dez anos. Em toda a região, moram hoje cerca de 20 000 deles com a situação devidamente legalizada, e outros 2 000 na clandestinidade, segundo estimativas da Polícia Federal. Eles representam pouco mais de 2% dos estrangeiros que vivem no país. São cientistas, pesquisadores, missionários religiosos, empregados e donos de negócios de turismo ecológico e funcionários de empresas multinacionais. Se a população brasileira tivesse crescido na mesma proporção dessa legião estrangeira, seríamos hoje 230 milhões de habitantes — bem mais do que os atuais 160 milhões. Pelas previsões oficiais, a gringolândia na selva cresce a uma taxa de 5% ao ano, mais que o triplo do crescimento da população em geral.

As razões que levam os estrangeiros a deixar o conforto da terra natal são quase sempre as mesmas: a exuberância da floresta, a biodiversidade única em todo o mundo, a atração pela aventura e o exotismo de uma vida que não teriam em nenhuma outra região do planeta. Eles acham uma experiência e tanto chafurdar no lamaçal do mangue, tomar banho no rio, caminhar horas a fio sobre ardilosas folhas e galhos caídos, dormir dias seguidos em redes, co-

brir-se de picadas de insetos. Com 1,55 metro de altura e 43 quilos, a bióloga alemã Karen Diele, de 28 anos, parece incorporar um caboclo ribeirinho cada vez que enfia o braço inteiro na loca dos crustáceos sem temer os prováveis e dolorosos beliscões. Em Bragança, a 200 quilômetros de Belém, onde fica um dos mais bem preservados manguezais do mundo, Karen estuda há dois anos a vida, a evolução e a reprodução dos caranguejos. Suas incursões pelo manguezal surpreendem até mesmo os moradores da região, habituados a viver e trabalhar ali. “Nunca vi uma moça tão determinada e corajosa como essa gringinha”, diz o catador de caranguejos Domingos de Araújo, de 60 anos. “Estou aqui para estudar”, afirma a alemã. “Mas considero impagável a oportunidade de compartilhar experiências e conhecer outras culturas.”

Perdido na floresta — O gosto pela aventura revela-se até mesmo nos técnicos e executivos, que representam 60% dos estrangeiros hoje na Amazônia. O desenhista industrial Brahma Lutchmeesinh, de 30 anos, saiu de Trinidad e Tobago há oito anos para trabalhar numa construtora em Manaus. Quatro anos depois, a empresa fechou e ele pendurou a lapiseira. “Foi aí que minha aventura começou”, diz. O caribenho agora trabalha como guia turístico na floresta. O cineasta polonês Zygmunt Sulistrowski tem vários filmes de sucesso dos quais se gabar, como *Amazônia Nua*, o primeiro que fez na região, em 1954, e que deu início a uma pequena fortuna que o mantém na mata sem grandes preocupações até hoje. “O filme ganhou versões em vários idio-

mas”, lembra “Zig”, como é conhecido. “No fim das contas, gastamos 115 000 dólares e faturamos 2,5 milhões.” Mas a história preferida do polonês, hoje com 75 anos e cabelos branquíssimos, aconteceu em 1971, durante as filmagens de um documentário sobre os índios caiapós.

Ele e o cinegrafista se perderam na região de Serra Pelada. Avistaram o primeiro sinal de civilização, um mês depois, no céu. Um monomotor da Força Aérea Brasileira jogou um suprimento de alimentos com o recado: “Não esquecemos de vocês, mas só poderemos resgatá-los quando as chuvas passarem”. O impaciente Zig entregou parte da comida aos índios, recebeu uma ca-



Documentação
 27/5/98
 127
 71 cont.

O polonês Zig junto a um tauari de 40 metros: "Não quero largar"

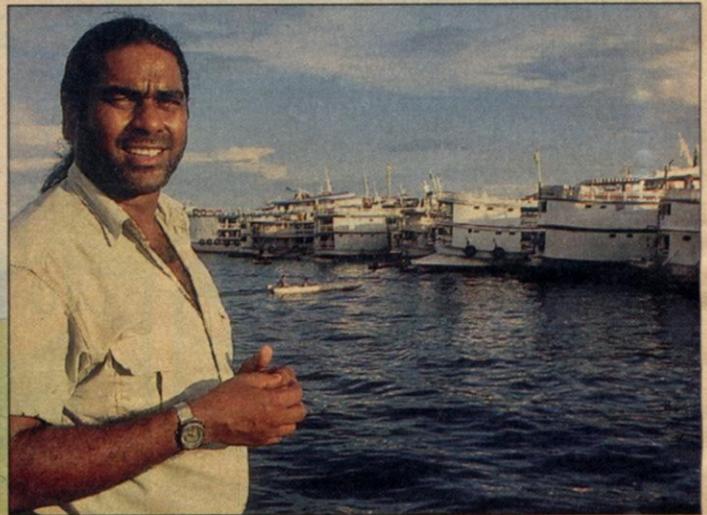
A bióloga Karen na lama: "Gringazinha corajosa", diz o caboclo



FOTOS JANDUARI SIMÕES

Onde eles estão

A distribuição dos estrangeiros na Amazônia, por Estado



noa em troca e partiu. Navegou quarenta dias pelos labirintos fluviais da Amazônia. "Quando cheguei a Manaus, fui recebido como um fantasma", conta. "Os jornais já haviam divulgado que um cineasta polonês tinha morrido no meio do mato." Em 1976, Zig apaixonou-se por um casarão abandonado em plena floresta. A construção colonial o fez largar a vida de badalação, festas e carrões da Califórnia, onde viveu. Ele comprou o casarão e criou em torno uma reserva ecológica. "Não consigo mais me imaginar longe deste planeta verde", afirma.

A sedução dos estrangeiros pela Amazônia é tão antiga quanto a história da região. Foi um frei espanhol, Gaspar

de Caryajal, que ainda no início do século XVI, durante uma viagem pelo rio que lhe parecia interminável, batizou-o de Amazonas. O religioso jurava de pés juntos ter visto mulheres altas e fortes que, como na mitologia grega das amazonas, escravizavam os homens para procriar e, em seguida, matá-los. Os estrangeiros que vivem hoje na região são, provavelmente, menos fantasiosos, mas não menos variados dos que os daqueles tempos de descobrimento. Existe até um autêntico lorde britânico, o zoólogo inglês Ralph Lainson, de 71 anos, Ph.D. em parasitologia, que estuda a leishmaniose na Amazônia desde 1967. Pelos serviços prestados à ciência, ele foi in-

vestido pela rainha Elizabeth II na Ordem do Império Britânico. Em trinta anos de trabalho nos laboratórios do Instituto Evandro Chagas, Lainson descobriu cinco novas espécies de leishmaníase na região. "Hoje é muito mais fácil trabalhar na selva", diz o lorde. "Quando cheguei, não existia telefone celular nem Internet. Era aventura mesmo." Totalmente aclimatado, Lainson só não se acostuma com a falta de pontualidade dos brasileiros. Apesar disso, acha que vale a pena ficar. "Não tenho planos de sair daqui", garante.

Brahma desistiu da lapiseira e tornou-se guia de selva: "Começou minha aventura"